

Edição v. 38
número 2 / 2019

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 38 (2)
ago/2019-nov/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AUTISMO E A BUSCA POR RECONHECIMENTO: Conexões que enunciam as lutas de redes socioafetivas em casos do Facebook

AUTISM AND THE SEEK FOR RECOGNITION: Connections that enunciate the struggles of the social-affective network in Facebook cases

IGOR LUCAS RIES

Doutorando em Comunicação e Linguagens PPGCOM-UTP - Bolsista CAPES/Brasil. Mestre em Comunicação e Linguagens PPGCOM-UTP. Bolsista CAPES. Curitiba, Paraná, Brasil. Contribuiu com a discussão teórica sobre o reconhecimento intersubjetivo e suas relações, com a construção dos processos metodológicos, levantamento e análise dos dados empíricos. E-mail: igorlucas18@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7288-0188>.

ANGIE BIONDI

Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da UTP. Curitiba, Paraná, Brasil. Contribuiu com a discussão teórica sobre a formação de redes socioafetivas sob a perspectiva etnográfica, vista como elemento constitutivo básico da comunicação. E-mail: angiebiondina@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0486-1081>.

Resumo¹

Este texto observa as interações comunicacionais das redes socioafetivas que se constituem em comunidades sobre autismo no site de redes sociais Facebook. Notamos que a ampliação dos mecanismos diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) contribui com o aumento das demandas de interação entre grupos que compartilham suas vivências, lutas e, em alguns casos, reivindicam a ressignificação do autismo e a diminuição dos estigmas. O esforço de análise trazido no texto contemplou as páginas *Autismo e Realidade*, *Lagarta Vira Pupa*, *Marcos Mion e Uppa Autismo*. É neste contexto que aproximamos os elementos formadores de um capital social (RECUERO, 2014) para o autismo, bem como as esferas do reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003), conectando-os aos aspectos enunciados por estes atores em suas lutas e lugares de fala.

Palavras-chave

Autismo; Enunciação; Reconhecimento; Redes digitais.

Abstract

This text considers the communicative interactions of the social-affective network that are established in Facebook communities about autism. The increase of the diagnosis contributes to the raise of interaction demands among groups that share their experiences, struggles, and in some of the cases, they claim for the giving of new meaning to autism. The analysis has taken into consideration the Facebook pages *Autismo & Realidade*, *Lagarta Vira Pupa*, *Marcos Mion* and *Uppa Autism*. It is in this context that we approximate the formative elements of a social capital (RECUERO, 2014) to autism, as well as the spheres of recognition (HONNETH, 2003), connecting them to the aspects enunciated by these actors in their struggles and places of speech.

Keywords

Autism; Enunciation; Recognition; Digital networks.

¹ Este artigo foi revisado e atualizado após ter sido apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

Introdução

A busca por informações, tratamentos, apoio e consolo oportuniza o aproximar de experiências vividas no cotidiano de outros indivíduos incluídos na mesma realidade: neste caso, o autismo. Formam-se grupos, trocam-se experiências, depoimentos, acontecem exposições ou recolhimentos, surgem mobilizações e interações sociais diversas. Nasce discursos, ideologias e estigmas, comunicações efetivas e também a banalização do termo, por conta do consenso tácito que circula e nutre o saber comum.

Popularizado por meio de exposições em filmes, séries, telenovelas, programas de TV, livros e notícias diversas, o significado do autismo passou a ser concebido a partir de discursos e imagens entendidos como formas de registro ou como representações generalizadas do autismo, que circulam através de produtos midiáticos, disseminando e popularizando aspectos muito superficiais acerca do espectro. Esta difusão generalizada acaba contribuindo também com a construção de estigmas e, conseqüentemente, com a intensificação das suas diferenças.

Segundo Goffman (1963, p. 5), o estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, o que traz para si e seus familiares a convivência diária com atributos culturalmente definidos como depreciativos, estereotipados e que comprometem suas relações. Estas alterações comportamentais, aliadas a pouca ou distorcida informação que é difundida, somadas ao histórico de imagens de crianças e adolescentes com autismo em filmes, séries ou programas de auditório que valorizam suas características acentuadamente diferentes e até bizarras, suas ilhas de habilidades geniais, as estereotípias, as grandes dificuldades de ordem relacional ou ainda o sofrimento familiar, fortalecem o estigma em torno do autismo e, por conseqüência, a dificuldade no reconhecimento de um indivíduo que está no espectro (D’ANTINO E VINIC, 2011).

Com a ampliação do autismo para espectro mais abrangente, o chamado TEA (Transtorno do Espectro Autista)² que abriga vários níveis de dificuldades de desenvolvimento na pauta autística, elevaram-se os diagnósticos³ e, conseqüentemente, a demanda por discussões em grupos de pessoas que convivem com indivíduos incluídos no espectro.

A partir deste contexto atual, observamos a intensificação do uso dos dispositivos tecnológicos e comunicacionais, tais como sites de redes sociais, como elementos de mediação entre sujeitos, em suas vidas cotidianas. Esta busca tem promovido formas interacionais e enunciativas, trocas de apoios, narrativas testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas aos grupos presenciais de ajuda, bem como ao convívio familiar e social mais próximo. Por isso, é pelo viés cultural e intersubjetivo que a observação destes eventos, que culminam nos usos tecnológicos, ganha força. São as experiências do cotidiano que revelam os fatores culturais de uma sociedade. Apenas compreendendo a cultura como “todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 1969, p.18), é que esta reflexão se torna válida.

Aliados à realidade dos diagnósticos precoces, surgem os conflitos e as buscas por parte dos sujeitos com autismo e das suas redes socioafetivas. Este contexto, portanto, aproxima-nos da teoria do reconhecimento de Axel Honneth (2003), no que considera o amor (afeto), o direito e a solidariedade (eticidade) como padrões de reconhecimento intersubjetivo. Não arriscamos, neste momento, determinar o alcance ou limites do reconhecimento como categoria para a análise das sociedades modernas, mas buscamos desenvolver aproximações das perspectivas trazidas por Honneth (2003) com os elementos

² Entendido como uma condição do desenvolvimento neurológico, o TEA é caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (BRASIL, 2014).

³ Na década de 90, as estimativas mundiais indicavam a prevalência de um caso para cada 2.500 crianças (JUNIOR, 2010). Em 2014, estatísticas apresentadas pelo CDC (Center of Diseases Control and Prevention) indicaram a existência de um caso de autismo para cada 68 pessoas, ou seja, 1,47% da população mundial.

que, na rede social online, configuram-se como formadores de um capital social (RECUERO, 2014) para o autismo, conectando-os aos aspectos enunciados por diferentes perfis de atores sociais em suas lutas e lugares de fala. Neste recorte da pesquisa trazido, comparece, portanto, a importância de analisar estes conteúdos como elementos que mobilizam tais falas, pois mesmo a partir de posições diferenciadas, compõem experiências socioafetivas acerca do espectro que são compartilhadas entre sujeitos, usuários, seguidores, através de sites de redes sociais, como o Facebook. Isso não significa uma aderência à perspectiva de um contexto autônomo e livre de restrições como o ambiente de redes sociais, mas uma aproximação às falas e trocas comunicativas que atravessam os grupos e sujeitos em redes.

Unindo-se tais especificidades, este texto objetiva, de modo preliminar, compreender como se efetivam estas interações comunicacionais e a constituição das redes socioafetivas ligadas aos sujeitos com autismo, através de comunidades do Facebook, que culminam em busca por reconhecimento. No esforço de análise, acompanhamos e investigamos quatro páginas brasileiras deste site de redes sociais: a) *Autismo & Realidade*, b) *Lagarta Vira Pupa*, c) *Marcos Mion* e, por fim, d) *Uppa Autismo-Curitiba*, escolhidas porque revelam diferentes perfis de atores sociais que, respectivamente, definimos como técnico, testemunhal, celebridade/testemunhal e grupo regional/local.

A observação destes grupos se deu pelo levantamento de dados, que revelaram as práticas e ideais destes atores, seus comportamentos e hábitos discursivos, por meio do acompanhamento direto das respectivas rotinas, representadas como recorte de seu contexto cultural, dadas como em tempo real, e promovidas nas suas páginas de redes sociais online. Para isso, no que tange o percurso metodológico, a abordagem escolhida foi a etnografia⁴ ancorada nos estudos de Christine Hine (2004, 2015), que, apoiada na antropologia, estuda a cultura de grupos sociais, de modo a contribuir com as pesquisas no campo da comunicação que decorrem do uso dos aparatos tecnológicos e da Internet no cotidiano.

O acompanhamento das páginas e da movimentação promovida por seus atores aconteceu entre os meses de janeiro e julho de 2017, num recorte temporal de 7 meses (29 semanas). Em seguida, houve a estruturação e análise dos dados quantitativos (propriedades dos ambientes digitais pesquisados; números de seguidores; tipos de publicações; estatísticas de publicações e interações; publicações de maior engajamento) e dos qualitativos (conteúdos discursivos, postagens e publicações, relatos e testemunhos, pesquisas, etc., considerando o contexto cultural e acontecimentos cotidianos que acompanhavam tais movimentações) para registro e análise interpretativa. Salientamos que, pela necessidade de adaptarmos o formato de apresentação dos resultados da pesquisa para este texto, e considerando o volume do conteúdo produzido nos registros, buscamos selecionar os fenômenos e recorte de análises mais relevantes. Assim, com a utilização de grupos de dados sintetizados e sistematizados em quadros e tabelas, aproximamos os aspectos enunciados por estes atores em suas experiências, lutas e lugares de fala, os elementos formadores de um capital social na rede digital, bem como as esferas do reconhecimento intersubjetivo que, juntos, podem culminar na ampliação da expectativa da constituição de novos padrões e, por sua vez, demarcar suas demandas para com a ressignificação do autismo.

O autismo e os conflitos de grupos sociais: o enfoque do reconhecimento

A luta de grupos sociais formados por indivíduos que pertencem à rede socioafetiva ligada ao autismo e que, por vezes, experienciam condições opressivas, parece justificar suas diversas formas de buscas individuais por igualdade, espaço nos ambientes públicos, visibilidade ou ainda pela marcação

⁴ Justificamos o emprego do termo etnografia ao invés de etnografia virtual pois Hine (2015) esclarece que, na etnografia aplicada em estudos na Internet, não existe a divisão entre online e off-line, real e virtual. Defende, que a utilização deste recurso pertence ao cotidiano das pessoas, como mais uma infraestrutura disponível, corporificada como parte dos indivíduos que a empregam, sem fazer contraposição ao mundo físico.

da diferença. Notar, neste contexto, que emerge um campo de conflitos diferenciados conduziu esta pesquisa ao enfoque do reconhecimento como um processo de cunho sociocultural e político relevante para entender a dinâmica das relações socioafetivas nestes grupos.

Vale ressaltar que o reconhecimento, enquanto luta social, possui uma trajetória histórica ampla baseada em Maquiavel, Hobbes, Nietzsche, bem como em autores contemporâneos da Teoria Crítica, como Charles Taylor⁵, Nancy Fraser⁶ e ainda Axel Honneth (2003). Este último, especialmente, elaborou pressupostos teóricos e categorias do reconhecimento intersubjetivo que contribuiram aos interesses desta pesquisa. Através de uma teoria própria e entendida como possível solução aos impasses detectados nos pensamentos e obras de Georg Wilhelm Friedrich Hegel⁷ e George Herbert Mead⁸ (autores entendidos como seus antecessores e também interessados no reconhecimento), Honneth buscou neles os elementos tidos como pouco explorados, o que lhe permitiu estabelecer nova trajetória à teoria social crítica (HONNETH, 2003).

Desta forma, em sua tese, Honneth determina que “a base da interação é o conflito, e sua gramática, a luta por reconhecimento” (NOBRE, 2009, p. 17). Assim, visualizamos, a partir desta concepção, uma possível abertura reflexiva que se inicia nos conflitos vivenciados pelos grupos de atores sociais que acompanham indivíduos com autismo, como força que desperta as suas interações, maneiras de rever padrões e suas lutas sociais por reconhecimento.

Percebemos que o tipo de luta social que o teórico privilegia não é marcado, em primeira linha, por objetivos de autoconservação ou aumento de poder, mas sim pela “experiência de desrespeito social, de um ataque à identidade pessoal ou coletiva, capaz de suscitar uma ação que busque restaurar relações de reconhecimento mútuo ou justamente desenvolvê-las num nível evolutivo superior” (NOBRE, 2009, p. 18). Aproximando esta visão do cotidiano dos grupos ligados pelo autismo, ou seja, pela formação das suas configurações comunicativas em páginas de redes sociais online, entendemos que é possível ver nas suas lutas uma força que também impulsiona desenvolvimentos sociais. Numa relação de reconhecimento existe, em Honneth (2003), uma pressão pela reciprocidade. Ou seja, há a necessidade de se reconhecer um parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, para que um sujeito possa se ver reconhecido nas suas relações com este mesmo gênero de pessoa. Assim, este sujeito perceberá as propriedades e capacidades de se sentir confirmado.

É nesta busca que surgem as lutas pelo reconhecimento de determinados padrões de identificação de atores sociais, como: sujeito com autismo, pai ou mãe de autista, profissional que atua em prol de pessoas com autismo, instituições em defesa do autismo etc. Estes atores procuram, enfim, os pressupostos necessários à participação na vida pública de uma coletividade. Honneth (2003, p. 80) argumenta que “só o sentimento de ser reconhecido e aprovado fundamentalmente em sua natureza instintiva particular faz surgir num sujeito, de modo geral, a medida de autoconfiança que capacita para a participação igual na formação política da vontade”. Isso implica, portanto, na possibilidade de se conceberem tais atores como sujeitos dotados de direitos intersubjetivamente válidos, tendo no reconhecimento um parâmetro de justiça.

Honneth (2003) preocupa-se, portanto, com uma explicação normativa das relações de poder, respeito e reconhecimento, e como os indivíduos e grupos sociais se inserem na sociedade atual. Ele mostra, ainda, que esta participação se dá na luta pelo reconhecimento e não pela inclusão econômica,

⁵ Charles Taylor baseia-se em Hegel e problematiza a formação identitária na sociedade multicultural contemporânea a partir do que chamou de reconhecimento errôneo. TAYLOR (1998).

⁶ Nancy Fraser também se dedica aos estudos sobre o reconhecimento e, por meio dos seus pressupostos teóricos, amplia, ou atualiza, os fundamentos apresentados por Honneth (2003) (FRASER, 2003).

⁷ Interessado em retomar o modelo conceitual de luta social entre os homens, bem como tratar do enfoque da intersubjetividade, crime e eticidade, Honneth (2003) sustenta-se nas teorias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

⁸ Honneth (1999; 2003) apoia-se nas obras de George Herbert Mead para tratar tanto dos seus pressupostos conceituais naturalistas como da sua psicologia social, bem como para a reconstrução da constituição da concepção de reconhecimento.

materialista ou pela autoconservação. Nos grupos aqui evocados nota-se aproximação semelhante. Neste sentido, Honneth aprofunda sua concepção e enuncia que é a força das lutas de grupos sociais, coletivas, que podem encaminhar para a transformação social.

Em sua teoria, o autor indica que a busca por reconhecimento se dá através de três dimensões intersubjetivas: a do amor (afeto), do direito e da solidariedade (eticidade), de modo que o desrespeito a alguma delas torna-se motor dos conflitos sociais. Afastando-se o sentido romântico e da relação íntima sexual que o conceito naturalmente recebeu, Honneth (2003, p. 159-160) emprega o amor entendendo-o presente nas relações primárias, “na medida em que elas consistam em relações emotivas fortes entre poucas pessoas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais/filho (...) no interior da família”. O amor é entendido, portanto, como a “primeira etapa de reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências”, como seres dependentes, numa forma de “ser-si-mesmo em um outro” (HEGEL, 1967). Assim, os indivíduos e grupos, desde a infância, formam suas identidades e são reconhecidos quando aceitos na autorrelação com o próximo, alcançando mutuamente uma confiança emotiva elementar em si mesmos. A experiência intersubjetiva do amor, em Honneth (2003, p. 177), “constitui o pressuposto psíquico do desenvolvimento de todas as outras atitudes de autorrespeito”.

Em um esforço de aproximação à posição de um sujeito com autismo, ou no lugar de um pai/mãe deste indivíduo, ou ainda como parte de uma instituição social, técnica, preocupada com os interesses destas pessoas, nota-se que também existe a busca pela confiança emotiva, capaz de alimentar estas relações. Assim, compreendemos que entre estas famílias ou grupos terapêuticos que são reunidos por uma forma afetiva, movidas pelo autismo, comparece uma demanda por reconhecimento para que suas relações se fortaleçam e gerem novas relações de autoconfiança. Trata-se de uma experiência mútua na relação do amor, num “duplo processo de uma liberação e ligação emotiva simultâneas da outra pessoa; não um respeito cognitivo, mas sim uma afirmação da autonomia, acompanhada ou mesmo apoiada pela dedicação” (HONNETH, 2003, p. 178).

Na esfera dos direitos, notamos que os indivíduos são considerados aceitos e firmam suas identidades se participam da prática institucional, com liberdade e bem-estar. A ausência destes aspectos, bastante comum no cotidiano autista (face à dificuldade de enquadramento em escolas, acesso aos tratamentos e dificuldade de permanência em espaços públicos etc.), configura a exclusão dos direitos ou ainda um acesso precário, causadores de conflitos. Se o desrespeito ao direito da pessoa com autismo ou da sua rede socioafetiva afeta o autorrespeito moral destes indivíduos, ao contrário, o reconhecimento jurídico concede ao sujeito uma proteção social para a sua dignidade humana, dignidade esta que está fundida com o papel social que lhe compete. Entendemos, então, que nesta esfera de direitos se constitui um dos lugares em que podem suceder, novamente, confrontos e lutas, uma vez que a experiência do reconhecimento denegado representa conflitos, tanto em torno do “conteúdo material, como do alcance social do status de uma pessoa de direito” (IBIDEM, p. 194).

A terceira esfera evocada pelo autor, a da solidariedade ou eticidade (IBIDEM), é uma dimensão que está ligada à convivência em comunidade e remete à aceitação recíproca das qualidades individuais julgadas pelos valores de um grupo, gerando autoestima. Tal esfera é, no entanto, mutável, considerando que os valores das comunidades variam de acordo com a época.

Quando se estabelece o sentimento de desvalia, proveniente da ausência de estima social, há um rebaixamento pessoal que impede que o sujeito desfrute de um determinado valor social que, por sua vez, abriga as características culturais de status de uma determinada sociedade. Complementarmente, Honneth (2003, p. 207) destaca que as “relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida”. Isso significa que o resultado das lutas sociais depende, portanto, da força simbólica que um determinado grupo consegue estabelecer, inclusive para alcançar a atenção pública, por vezes dificilmente influenciável (IBIDEM).

A partir deste esforço de aproximação com a perspectiva do reconhecimento em Honneth argumentamos que quanto mais os movimentos sociais sobre o autismo conseguem se colocar em certas posições da esfera pública, demarcar sua importância ainda negligenciada, bem como destacar suas capacidades representadas de modo coletivo, mais será possível perceber certa elevação, na sociedade, do valor ou reputação dos seus membros.

Percebemos, igualmente, que a evolução social do autismo também pode ser explicada a partir da passagem progressiva destas três formas de reconhecimento, e que seus atores sociais, conseqüentemente, estabelecem suas lutas de modo muito próximo aos princípios intersubjetivos, teoricamente balizado em Honneth, com vistas a garantir o respeito às suas identidades e à autorrealização. Neste caminho, acreditamos que é possível visualizar a ocorrência de fenômenos sociais contemporâneos como lutas por reconhecimento do autismo, de modo especial nas configurações online. Pela ótica do reconhecimento, intuimos que há a possibilidade de uma releitura destes grupos em sociedade no que se refere a estes conflitos.

Desta forma, a partir de um contexto de conflitos e lutas é que sujeitos que convivem com o autismo – que o experienciam cotidianamente, são motivados à busca por formas de ação social e, por isso, inclusive, produzem narrativas, relatos, reportagens, ilustrações, compartilhando-as e intensificando seus usos das redes. O conjunto destas produções e falas pode ser entendido como espécie de alavanca, ainda primária, de interações entre grupos e que acolhem as mudanças que porventura suscitem destes encontros que, em geral, resultam em atividades presenciais coordenadas entre participantes. Assim, a partir de movimentos que se lançam a formas de ação social ancoradas em experiências provenientes destes encontros comunicativos nas redes online, entendemos ser importante uma discussão sobre o uso dos recursos tecnológicos como fator cultural destes grupos.

Atores e falas: aproximações online que enunciam a formação de um capital social do autismo

De forma empírica, nas observações alcançadas com o mapeamento e registros textuais das quatro páginas pesquisadas, pudemos perceber perfis, demandas e características predominantemente relevantes em cada comunidade. Em sequência, estabelecemos um esquema comparativo entre estes atores e suas falas, aproximando-os dos valores que constituem a formação de um capital social⁹ nas redes online, conforme ressalta Recuero (2014). A intenção foi perceber como os valores mais comumente relacionados aos sites de redes sociais são apropriados pelos atores e manejados nas suas páginas. Também como métrica de observação, consideramos o quantitativo de publicações e suas respectivas interações (curtidas, reações, comentários e compartilhamentos), para que pudéssemos ponderar como os laços interacionais se manifestavam.

Observar uma formação de capital social em redes sociais, ainda que de maneira inicial, nos fornece um subsídio importante na compreensão das falas dos atores que buscam apoio mútuo e encontram repercussão em grupo. Sem resgatar um percurso teórico extenso acerca do conceito, retomamos a discussão trazida por Recuero (2014) em cotejo com a perspectiva de Putnam (1993) e Bourdieu (1980).

Apoiados em Putnam (1993), entendemos que o capital social se refere a aspectos de uma organização social tecida por um conjunto de laços, redes e normas, tais como de confiança e reciprocidade

⁹ Cabe salientar que o conceito de capital social tem origem nos estudos mais sistematizados por Alexis de Tocqueville, ainda em 1835, no volume primeiro de sua obra *Democracia na América*, ao analisar o protagonismo político da sociedade civil norte-americana. A trajetória do conceito se estende pelo século XX e adquire matizes no campo das ciências sociais e política, sobretudo, pelos estudos posteriores de Lyda Hanifan, Jane Jacobs, Glen Loury, entre outros. Mesmo sem desenvolver o conceito em profundidade Loury põe em evidência que o capital social funciona como uma relação de confiança entre indivíduos em grupo que melhora o uso de recursos individuais. É esta a base conceitual que será retomada posteriormente por autores contemporâneos que a elaboram, tais como Pierre Bourdieu e Robert Putnam, entre outros (FERNANDES, 2002).

que, estabelecidas entre esses nós ou comunidades, facilitam a coordenação e cooperação para benefícios mútuos. O autor não o considera, portanto, um conceito inédito, mas o retoma com base na noção de Tocqueville de civismo comunitário, aquele que constitui o indivíduo com espírito público posicionando-o em uma rede comunitária de natureza associativa.

Em Bourdieu (1980, p.2), o capital social figura como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados por posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de aquiescência e reconhecimento mútuo”. Kaufman (2012), indica que o conceito de capital social ressurgiu mesmo nos anos 1980, em Bourdieu, que o entende como um ativo social proveniente da virtude e da força de conexão entre os indivíduos, cuja perspectiva sobre a sociedade é a de uma estrutura de funcionamento em rede, ou seja, de interconexões entre pessoas. Portanto, o capital social é visto como uma força da relação/conexão entre os atores, de modo que o acesso aos recursos decorrentes gera benefícios denominados ativos sociais. Por sua vez, deriva de relações dinâmicas entre os *laços fortes* e *laços fracos*, conforme observado por Granovetter (1974, 1983). Sem adentrar as distinções específicas ou críticas¹⁰ em cada autor, o que nos importa aqui é sublinhar o entendimento de que o capital social, para ambos, é um elemento aproximativo e agregador por função, já que o estabelecimento de laços de confiança e reciprocidade possibilitariam – ou, ao menos, fomentariam - a mobilização conjunta para a ação.

Desta forma, constituir um capital social significaria promover potencial aumento de benefícios e investimentos em capitais físico e humano com vistas às demandas do grupo ou comunidade. Neste estudo, considerando esta observação ainda abrangente e de questionável aplicação direta, o que propomos é apenas um esforço de aproximação ao capital social, na medida em que as redes de confiança e solidariedade em torno do TEA podem se formar desde os grupos técnicos e científicos (Autismo & Realidade), como por grupos de pais (UPPA), formadores de opinião (jornalista Andréa Werner), celebridades (Marcos Mion), bem como por associações de classe, religiosas, ou ainda por conexões sociais informais.

Neste contexto, entendemos que a predominância de curtidas, reações ou compartilhamentos (Tabela 1) pode significar a prevalência de laços associativos. Já no caso dos comentários e testemunhos também se manifestarem, tendemos a identificar a presença de laços dialógicos.

TABELA 1

Síntese das Estatísticas de Publicações e Interações nas Páginas do Facebook

Página	Publicações	Curtidas	Reações	Comentários	Compartilhamentos
Autismo e Realidade	57	14.147	14.910	747	9.677
Lagarta Vira Pupa	494	268.502	328.449	31.811	68.635
Marcos Mion Oficial	158	478.205	616.468	48.655	145.955
Uppa Autismo	162	7.655	8.397	693	2.264

Observamos que na página *Autismo e Realidade*¹¹ (Quadro 1), formada por um grupo de atores sociais definidos como técnicos e especialistas (médicos, pesquisadores e terapeutas), as relações se concretizam com base no valor da sua reputação e, conseqüentemente, de autoridade. A página é gerenciada por uma reconhecida ONG (*Autismo e Realidade*) e importante instituto de pesquisa (Instituto Pensi), que configuram suas falas com a disponibilização de conteúdo técnico e científico sobre o assunto, divulgam projetos e mobilizam ações de apelo público.

¹⁰ Sobre as críticas dirigidas ao conceito e aplicação em Putnam ver Reis (2003).

¹¹ AUTISMO & REALIDADE. Facebook/AutismoERealidade. Disponível em: <<https://www.facebook.com/autismoerealidade/>>. Acessos no período de jan a jul. 2017. Criada em 2010. No período de análise, a página possuía aproximadamente 203 mil seguidores.

QUADRO 1
Capital Social em *Autismo e Realidade*

Página	Ator social	Valor e Capital social	Características predominantes
Autismo e Realidade	Técnico / especialista	Valor percebido: reputação e autoridade Capital social: relacional cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> a. Conteúdo técnico e científico sobre o autismo. b. Divulgação de congressos e simpósios da ONG e Inst. Pesq. Pensi. c. Dicas de como lidar com as dificuldades cotidianas. d. Valorização da luta de pais pelos direitos dos filhos com autismo. e. Marcações de outros nomes nos comentários. f. Projetos de conscientização e motivação para novas ações. g. Atualização de experiências. h. Incentivo às práticas de inclusão escolar.

Estes fatores se constituem como critérios que geram confiança entre os atores da rede, de modo especial, pelo potencial de contribuição efetiva que suas informações publicadas conferem. Lembramos, então, que a reputação “refere-se às qualidades percebidas nos atores pelos demais membros da sua rede”, e à validação do “tipo de informação publicada pelo ator social”, e que caracteriza este capital social como relacional e cognitivo (RECUERO, 2014, p. 111). A forte reputação confere, em conjunto, o valor da autoridade, visto a medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da sua reputação (RECUERO, 2014).

Identificamos que, nesse capital social relacional e cognitivo, as interações que se dão na página são, na maioria, compostas por curtidas, reações e compartilhamentos (Tabela 1), conduzindo à formação de laços associativos. Os comentários e testemunhos são pouco significativos neste caso e, quando ocorrem, são na intenção de marcar um outro perfil e indicar o conteúdo que foi apresentado em *Autismo e Realidade* para uma nova pessoa que, supostamente, deva ter interesse na informação.

QUADRO 2
Capital Social em *Lagarta Vira Pupa*

Página	Ator social	Valor e Capital social	Características predominantes
Lagarta Vira Pupa	Mãe / testemunhal.	Valor percebido: visibilidade e autoridade Capital social: relacional e relacional cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> a. Apoio à diversidade de deficiências. b. Recorrência de mensagens sobre preocupação das mães. c. Devolutiva às críticas, como porta-voz de outros. d. Divulgação dos direitos e das conquistas judiciais. e. Tentativas de afastamento dos estereótipos estigmatizados. f. Tenta afastar o estereótipo de <i>mulheres incansáveis</i> e das <i>mãezinhas azuis</i>. g. Partilha das experiências vivenciadas através de relatos. h. Publicações de dicas práticas de aprendizado.

No caso da página *Lagarta Vira Pupa*¹² (Quadro 2), cujo ator social se apresenta sob forte teor testemunhal, gerido por uma mãe de um menino com autismo, as relações se concretizam, em geral, com base num cruzamento dos valores de visibilidade e de autoridade. Além das experiências vividas com o

¹² LAGARTA VIRA PUPA. Facebook/LagartaViraPupa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lagartavirapupa/>> Acessos no período de jan a jul. 2017. Criada em 2012 por Andréa Werner, jornalista e mãe de Theo, e é conhecida como um “diário de uma mãe com seu garotinho autista”. No período de análise, a página ultrapassava 78 mil seguidores.

filho Theo, Andrea Werner configura sua fala enunciando as rotinas da vida (escola, alimentação, direitos, desenvolvimento da criança, terapias, etc.). As postagens valorizam, especialmente, os contrastes entre os papéis exercidos pelas mães de crianças com autismo que a acompanham. Estes papéis evocados indicam acumulação das funções de mãe, mulher, profissional, em geral, amalgamando a figura de tolerância e carinho (mãe azul, incansável), mas também nos conflitos cotidianos da paciência e limitações, experiência ou despreparo, todos, a fim de lutar pelo afastamento de estereótipos estigmatizados.

O quesito visibilidade, neste caso, funciona como uma forma de amplificação dos valores obtidos através das conexões da rede de Andrea Werner, operando como um suporte social e de informações. Dentre as três páginas específicas pesquisadas, *Lagarta Vira Pupa* é a que possui o maior número de seguidores e publicações. Esta visibilidade, associada ao fato de ser mãe de uma criança com TEA e jornalista, torna-se matéria-prima para a formação de outro valor: a autoridade que Andrea conquistou e que pode garantir facilidades para influenciar a sua rede socioafetiva, ampliando a sua percepção junto aos demais atores.

Notamos, portanto, a constituição de um capital social relacional (ligado à visibilidade), associado ao relacional cognitivo (por conta da sua autoridade). Nesta página, por sua vez, a quantidade de comentários nos posts de *Lagarta Vira Pupa* é bastante expressiva (Tabela 1), o que aproxima a percepção da formação de laços dialógicos. Além da partilha e atualização das experiências vividas com o Theo, que se reproduzem nas famílias seguidoras, as interações presentes através dos comentários acontecem em forma de questionamentos sobre rotinas, solicitações de dicas de como lidar com as crianças em crises para diminuir comportamentos repetitivos, trabalhar com a seletividade alimentar, melhorar o sono, assim como aumentar a autoestima das mães, superar o luto pós diagnóstico etc., fatores que reforçam o valor da sua autoridade de fala, na rede.

Já em *Marcos Mion Oficial*¹³ (Quadro 3), página que não foi criada com a intenção primeira de tratar do tema autismo, identificamos um ator social entendido como celebridade, e pai. De um lado, uma personalidade formadora de opinião, de destaque e reconhecido como artista. Noutra perspectiva, um pai que vive as relações do cotidiano autista junto do seu filho Romeo, e as testemunha na rede, assumindo uma nova categoria de celebridade: ser *pai do Romeo*. Neste caso, as relações predominantes se concretizam, portanto, com base na intersecção de valores de visibilidade e de popularidade.

Suas publicações trazem reflexões sobre as experiências do cotidiano, com destaque para o valor daquelas mais ordinárias que, em outra situação, talvez não se desse conta da sua importância. Mion parece renovar a sua personalidade em rede e se enuncia, agora, como *pai do Romeo*, aprendiz do autismo e com maior proximidade de outras famílias que compartilham da mesma vivência. Em todas as publicações ligadas ao autismo, a fala do apresentador também manifesta sua fé, considerando Deus e a família como bases que sustentam os seus discursos. Enfim, usa a sua fala, popularidade e visibilidade incentivando práticas de solidariedade com outras famílias que vivem seus conflitos.

13 MION, Marcos. Facebook/MarcosMionOficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarcosMionOficial/?fref=ts>> Acessos no período de jan a jul. 2017. Com 7 milhões de seguidores, reúne postagens sobre o programa *Legendários* – Rede Record, produtos ligados ao esporte, bem como a atenção que a sua rede dispensa o novo tipo de celebridade que assume: o pai de um garoto com autismo, o Romeo.

QUADRO 3

Capital Social em *Marcos Mion Oficial*

Página	Ator social	Valor e Capital social	Características predominantes
Marcos Mion Oficial	Pai (testemunhal) / celebridade.	Valor percebido: visibilidade e popularidade. Capital social: relacional.	<ul style="list-style-type: none"> a. Há a predominância de publicações testemunhais, com reflexões sobre os paradoxos do cotidiano e a aproximação das famílias que convivem com o autismo. b. O <i>pai do Romeo</i> é mais forte. Renovação do seu perfil de celebridade. c. Através da sua relação afetiva com o filho, coloca-se como aprendiz do autismo. d. Deus e a família são bases que sustentam seus discursos. e. As práticas de solidariedade se concretizam na vida.

Em cotejo, a tabela 2 elucida a força das postagens ligadas ao Romeo que, mesmo sendo em menor volume (trazemos aqui o exemplo de dois posts no mês de julho de 2017), representou 99% dos compartilhamentos realizados pela sua rede no mesmo período, 85% dos comentários e 79% de engajamento¹⁴ ao considerarmos, evidentemente, o total de conteúdo disponibilizado no mês.

TABELA 2
Representatividade % dos 2 Posts sobre Romeo e a Família, em Junho/2017 (Facebook)

Junho de 2017	Posts	Curtidas	Coment.	Reações	Compart.	Engajam.
Total de posts do mês	39	194.485	33.886	268.388	134.598	436.872
2 posts sobre o Romeo e a família	2	121.436	28.735	184.884	132.779	346.398
%	5%	62%	85%	69%	99%	79%
Legenda: Reações = soma das curtidas e marcações de ícones de emoções (<i>emoticons</i>). Engajamento = soma dos comentários, reações e compartilhamentos.						

Estes dados indicam que, no caso das publicações que testemunham sua experiência com o filho, a rede se manifesta com laços associativos e dialógicos, configurando um capital social relacional, sustentado pela visibilidade e popularidade do seu perfil.

Por fim, a página curitibana da União de Pais pelo Autismo (*Uppa Autismo*¹⁵) é gerida por um grupo formado por pais engajados de modo online e presencial. As suas relações sociais têm base no cruzamento dos valores de reputação e de visibilidade.

A página desta associação (Quadro 4) configura sua fala por meio do engajamento de pais, o que amplia a sua reputação e contribui com a promoção, pela plataforma online, de ações locais de conscientização, exposição e visibilidade do autismo. Estas ações compreendem eventos, caminhadas, palestras, seminários, capacitação de educadores e familiares, manifestos, reivindicações de políticas públicas, encontros de entretenimento para as crianças, práticas de solidariedade e apoio às famílias na rede, etc., que efetivam, num segundo momento, um processo de relação também presencial.

¹⁴ Para Recuero (2013), o engajamento é “uma decorrência do envolvimento das pessoas entre si e com a marca como persona. É a construção de laços mais fortes, de capital social naquele espaço e naquela rede”. De todo modo, para a elaboração da tabela 2 que apresenta parte dos dados quantitativos obtidos na pesquisa, os números apontados na coluna engajamento são definidos com base nas métricas da rede social digital Facebook, ou seja, pela somatória dos comentários, reações e compartilhamentos decorrentes do envolvimento com as publicações analisadas.

¹⁵ *UPPA AUTISMO*. Facebook/UppaAutismo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uppaaautismo/?fref=ts>> Acessos no período de jan a jul. 2017. Página de caráter regional, com pouco mais de 4.500 seguidores.

Neste caso, a plataforma online possibilita, inicialmente, o encontro de pais como um instrumento de conexão que, à medida que se mostram engajados, como um dos nós da rede (laços dialógicos e de interação mútua), podem partir para as relações presenciais e participar das atividades organizadas pela *Uppa*. Entendemos que estes valores (reputação e visibilidade) constituem, então, um capital social relacional e relacional cognitivo.

QUADRO 4
Capital Social em *Uppa* Autismo

Página	Ator social	Valor e Capital social	Características predominantes
Uppa Autismo	Pais / engajamento online e presencial	Valor percebido: reputação e visibilidade. Capital social: relacional cognitivo e relacional.	<ul style="list-style-type: none"> a. Ações de exposição e visibilidade – autismo em evidência e engajamento. b. Efetivação do processo relacional – contato e presença. c. Formação dos grupos online de pais: Cuecas Azuis. d. Uso da rede para a conquista de espaços adaptados. e. Mobilização de pessoas: ações e eventos de conscientização. f. Proximidade e envolvimento com órgãos públicos. g. Prática de solidariedade: apoio às famílias nas redes.

Destaca-se que, deste engajamento de pais surgiu um grupo local, online, formado apenas por homens, pais de crianças com autismo, intitulados *Cuecas Azuis*. Como foi caracterizado, seus atores se enunciam através das trocas de testemunhos e configuram suas falas por meio da partilha das conquistas e dificuldades presentes nas vivências com seus filhos. Porém, utilizam este recurso porque querem ser percebidos como pais de alguém com autismo.

Por meio desta esquematização comparativa entre diferentes grupos que representam certos atores sociais e suas falas, aproximando-os dos atributos trazidos por Recuero (2014), percebemos a presença de cruzamentos de valores que são apropriados por cada um, de acordo com seus perfis e demandas, com vistas à formação de um capital social diferenciado em torno do autismo. A visibilidade é um valor predominante neste recorte, mas que possibilita a amplificação dos demais valores sociais (reputação, autoridade e popularidade) quando, por exemplo, a rede com nós (atores), conectados pela causa do autismo, engaja-se e configura-se como um capital social relacional (RECUERO, 2014).

Entendemos, a partir desta leitura preliminar dos grupos, que a prática comunicativa reflete aquela interacional que partilha, vive e comunga, através de diferentes discursos, narrativas e experiências que são enunciadas em redes. Este aspecto comparece como a materialização de uma causa, aqui expressa em luta por ressignificação do autismo como aspecto preponderante ao reconhecimento.

Como interações comunicativas mobilizam a ressignificação no percurso ao reconhecimento

A partir das reflexões sobre as interações comunicativas motivadas pelo autismo, e vivenciadas por atores sociais nas suas redes online, por meio da troca de experiências e narrativas, alcançamos um entendimento sobre a construção de um capital social relacional (RECUERO, 2014), cujos valores abarcam a visibilidade e, conseqüentemente, a reputação, a autoridade e a popularidade. Notamos que, com estes valores conquistados, opera-se, de fato, um estado de luta, onde os nós destas redes se associam em comunidade online, conectada, e dialogam num espaço de conversação civil (MARQUES, 2006), numa relação entre experiência e discurso, na tentativa de discutir os padrões e hábitos, direcionando a um reconhecimento social que formule, inclusive, novas políticas. No entanto, lembramos que não se trata de

um espaço de deliberação ou de definição destas novas políticas, mas um recinto de conversação, onde os grupos, ao mesmo tempo, conflitam, enunciam.

Por isso, considerando que a experiência do reconhecimento intersubjetivo, em Honneth (2003), se dá através de padrões que determinem propriedades e capacidades dos sujeitos, garantindo-lhes a constituição das suas identidades pessoais e a autorrealização, é possível estabelecermos aproximações desta base teórica e reflexiva, com as interações destas comunidades online sobre o autismo que buscam a elevação do seu valor social e da reputação de seus membros.

Vimos que Honneth (2003) reconhece a experiência e a afetividade como campos mobilizadores destes indivíduos que, por sua vez, podem ampliar seu grau de autorrealização com cada nova forma de reconhecimento, referindo-se a si mesmos como sujeitos. Desse modo, “está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima” (HONNETH, 2003, p. 272).

Assim, no quadro 5, arriscamos estabelecer, de forma sintética e sistematizada, um cruzamento destas esferas de reconhecimento intersubjetivo de Honneth (2003), em cotejo com as categorias de laços, valores e capitais sociais trazidos por Recuero (2014).

QUADRO 5

Cruzamento de esferas de reconhecimento com laços, valores e capitais sociais

Capital social relacional afetivo	Capital social relacional cognitivo
Rede de laços dialógicos	Rede de laços associativos
Valores de visibilidade, popularidade e reputação.	Valores de autoridade, reputação e visibilidade.
Reconhecimento pelas relações de amor / afeto; solidariedade / eticidade.	Reconhecimento pelos direitos; solidariedade / eticidade.

Percebemos que os valores de visibilidade, popularidade e reputação contribuem para a formação de um capital relacional afetivo na rede, pois favorecem a troca de experiências narrativizadas e testemunhais em postagens e comentários, constituindo laços dialógicos. Este fenômeno, portanto, possui elementos que cooperam com as lutas das esferas afetiva e de solidariedade do reconhecimento intersubjetivo tal qual definido pelo autor. Já o conjunto de valores de autoridade, reputação e visibilidade, formadores de um capital social relacional cognitivo, estariam ligados aos aspectos do direito e, por consequência, da solidariedade, visto que o sentimento de justiça que as conquistas das lutas sociais alcançam, promovem condições de realizações comuns e de relações solidárias, onde seus membros se estimam de maneira simétrica.

Na sequência, para tornar mais clara a observação das lutas que estes atores sociais manejam, a partir de suas falas nas páginas, aproximamos os pontos comuns presentes nos falares, enquadrando-os nas categorias de reconhecimento estabelecidas por Honneth (2003). Desta forma, extraímos semelhanças discursivas que justificam suas buscas por reconhecimento, de maneira intersubjetiva, mas que também fortalecem seus membros de modo que cresce a expectativa de realização dos seus objetivos comuns (Quadro 6).

QUADRO 6

Observações empíricas ligadas às esferas do reconhecimento nas páginas do Facebook

Modos de Reconhecimento	Dedicação emotiva	Respeito cognitivo	Estima social
Formas de reconhecimento	Relações primárias (amor , amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores (solidariedade)
Autorrelação prática	Autoconfiança	Autorrespeito	Autoestima
Observações empíricas, comuns nas páginas do Facebook	<p>Partilha das experiências vivenciadas através de relatos.</p> <p>Há a predominância de publicações testemunhais, com reflexões sobre os paradoxos do cotidiano e a aproximação das famílias que convivem com o autismo.</p> <p>As experiências relatadas pelos atores atualizam as da sua rede.</p> <p>Há uma renovação do perfil destes atores na rede, <i>o pai do Romeo</i>, os <i>Cuecas Azuis</i>, as <i>mães lutadoras e, ao mesmo tempo, exaustas</i>, etc.</p> <p>Na rede assumem-se como aprendizes das relações afetivas com os filhos ou com outros sujeitos socioafetivos.</p> <p>Há uma efetivação do processo relacional – o contato e presença.</p> <p>A família e religiosidade são bases que sustentam seus discursos.</p>	<p>Valorização da luta de pais pelos direitos dos filhos com autismo.</p> <p>Incentivo às práticas de inclusão escolar, uma das principais preocupações das famílias.</p> <p>Divulgação dos direitos obtidos e das conquistas judiciais.</p> <p>Uso da rede para a conquista de espaços adaptados.</p> <p>Falas direcionadas aos órgãos públicos.</p>	<p>Ações de exposição e visibilidade – autismo em evidência e engajamento.</p> <p>Projetos de conscientização e motivação para novas ações e eventos.</p> <p>Práticas de apoio às famílias nas redes.</p> <p>Tentativas de afastamento dos estereótipos estigmatizados das crianças com autismo, bem como das pessoas que os acompanham (pais, familiares, rede socioafetiva).</p> <p>Compartilhamento de pesquisas, conteúdo técnico e atualizado.</p> <p>Sugestões de dicas de como lidar com as dificuldades cotidianas.</p> <p>Marcações de outros nomes nos comentários, como forma de alcançar pessoas que possam ser alvos destas informações.</p> <p>Apoio à diversidade de deficiências.</p> <p>Publicações de dicas práticas de aprendizado e desenvolvimento infantil.</p>

Nas relações primárias de amor e amizade, como forma de reconhecimento, notamos que as falas dos atores coincidem em aspectos de dedicação emotiva, pois partilham suas experiências vivenciadas através de relatos; há uma predominância de publicações de forte teor testemunhal, com reflexões sobre os paradoxos do cotidiano e a aproximação das famílias que convivem com o autismo. Tais experiências relatadas atualizam, por sua vez, as dos demais seguidores da rede; ocorre uma tentativa de renovação dos seus perfis quando, por exemplo, Mion se qualifica como aprendiz e *pai do Romeo*, na luta das mães pelo afastamento do padrão normativo de *mãezinhas azuis*, no uso de camisetas estampando a frase *eu amo alguém com autismo*, numa prática de exposição e conscientização; a família e a religiosidade são bases que sustentam os discursos, além da percebermos a efetivação do processo relacional, quando aproxima de modo a permitir também o contato presencial.

Quando comparadas às relações jurídicas, ou seja, às manifestações e lutas pelos direitos das pessoas com autismo e de quem os acompanha, as semelhanças ocorrem na valorização da luta de pais pelos direitos dos filhos com autismo, pelo incentivo às práticas de inclusão escolar, uma das principais preocupações das famílias, além da divulgação dos direitos e das conquistas judiciais obtidas por algum ator na rede, com a utilização das páginas para mobilizar a conquista de usos adaptados em espaços públicos ou por reivindicações direcionadas aos órgãos públicos, com vistas à sensibilização para novas políticas. Por isso, consideramos que estas falas se aproximam do respeito cognitivo, trazido pela segurança jurídica, quando há a garantia de direitos, e entendemos que esta relação de autorrespeito adquirida também amplia o grau de reconhecimento em seus membros.

No caso das comunidades de valores, que correspondem à solidariedade ou eticidade como formas de reconhecimento, notamos que os seus atores estabelecem suas lutas por estima social ao enunciarem, com esforço, ações de exposição e visibilidade que colocam o autismo em evidência buscando engajamento; quando promovem e divulgam projetos e eventos de conscientização, motivando novas participações; nas suas práticas de apoio a outras famílias das redes; nas tentativas de afastamento dos estereótipos estigmatizados das crianças com autismo, bem como das pessoas que os acompanham (pais, familiares); no compartilhamento de pesquisas, conteúdo técnico e atualizado; com as sugestões de dicas de como lidar com as dificuldades cotidianas; por meio das marcações de outros nomes nos comentários, como forma de alcançar pessoas que possam ser alvos destas informações; através do apoio à diversidade de deficiências; nas publicações de dicas práticas de aprendizado e desenvolvimento infantil. Assim, as falas destes atores manifestam suas lutas por reconhecimento quando se esforçam para ampliarem, nestas interações, o grau de autoestima de si próprios e de seus pares.

QUADRO 7 Ressignificação dos atores sociais

Ator social	Busca de um novo significado
<i>Mãezinhas azuis</i> (dedicadas, incansáveis e protetoras)	Além da dedicação, estas mães são mulheres que também se cansam, não sabem como agir ou vivem momentos de solidão ou desespero.
Marcos Mion (celebridade: ator, apresentador, empresário, formador de opinião)	Tenta assumir uma nova categoria de celebridade perante sua rede: ser pai do Romeo e ter sua família como base.
Pais da <i>Uppa Autismo</i> (rede majoritariamente formada por mães, mulheres que acompanham as rotinas dos filhos com autismo)	Pais engajados. O surgimento do movimento <i>Cuecas Azuis</i> se mostrou como iniciativa de fortalecimento da participação dos pais (homens) na vida e rotina dos seus filhos.

Notamos, enfim, que os achados enunciados nas páginas revelam que a resignificação não se dá

apenas para o autismo e seus estigmas (significado do transtorno e das suas polaridades) ou ainda para o seu portador (a pessoa com autismo), mas de modo especialmente evidente para os atores da rede, representantes destas comunidades, que manejam suas falas ao partilharem suas experiências com novo olhar, ou ainda, novo filtro (Quadro 7). Fica claro que há buscas, ou esforços, agora direcionados para a ressignificação pessoal destes sujeitos que, afetivamente, vivenciam o autismo.

Considerações Finais

Nas relações do cotidiano autista, como as que observamos através deste breve recorte da pesquisa, alguns sujeitos diretamente implicados – aqui considerados atores sociais – comparecem nas comunidades online motivados por diferenciados lugares, experiências e falas. Tal como defendido por Honneth (2003), buscamos observar como estes atores se inscrevem (e inscrevem) na experiência do amor e amizade, na luta por autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, o esforço pela garantia do autorrespeito, e, por fim, na experiência da solidariedade, a busca por estima social. A partir desta aproximação pudemos notar que as diferentes experiências e falas, em articulação, mobilizam frentes de lutas por reconhecimento. Contribuem, portanto, com a formação de um capital social capaz de produzir novos padrões de fala e de comportamentos, em um processo de transformação social, que permite, com esperança, pensar em um novo significado para o autismo e para os seus membros.

A percepção dos fatos e práticas visualizadas nestas redes, portanto, não são estilhaçadas, fragmentos dispersos, mas quando observadas em cotejo ajudam a definir certa dinâmica de um conjunto do contexto autista, espécie de recorte de um todo construído por seus atores e integrado por seus membros. Nesta perspectiva, a ressignificação seria um processo de modificação do filtro pelo qual o autismo e seus acontecimentos são percebidos, alterando, assim, o modo e os padrões como anteriormente eram definidos.

Mühl & Esquinsani (2004) indicam que a ressignificação se fundamenta em uma compreensão hermenêutica do processo de constituição da realidade social e do próprio conhecimento, ou seja, enquanto método linguístico e cultural, possibilita o surgimento de um novo significado aos acontecimentos através da alteração de uma visão de mundo ou perspectiva do olhar. O significado de toda ocorrência está sujeito ao filtro pelo qual o observamos. Quando o significado é mudado, a receptividade, a interação e o comportamento das pessoas também se modificam. Por intermédio da ressignificação é possível redimensionar a maneira de pensar, ver novos pontos de vista, configurar outras informações e valores.

Estes autores, quando inseridos em práticas comunicativas, favorecem a compreensão da ressignificação como um processo que, ao se efetivar, modifica também as formas de ação da sociedade. Ou seja, para um novo significado, esperam-se novas atitudes. Assim, quando se modifica o filtro, altera-se consequentemente o significado e, então, é possível aprender a pensar e sentir de outro modo sobre os fatos da vida, entender o mundo sob nova ótica e considerar novos padrões.

Neste sentido, podemos compreender que a ressignificação complementa as lutas por reconhecimento do autismo à medida que se configura como um movimento capaz de desenvolver outras capacidades de compreensão das circunstâncias da vida.

Percebemos, desta forma, que as negociações são provenientes de várias demandas de sentido mas que, de forma geral, todas passam pela experiência do afeto, de pertencimento a um grupo, pelos discursos, no encontro perceptivo das relações socioafetivas que caminham, lado a lado, com os elementos, artefatos e impactos culturais contemporâneos. Observamos que são estes os aspectos, ligados às relações afetivas configuradas entre sujeitos, que dão conta, pouco a pouco, de ressignificar.

Neste caminho de reconhecimento e ressignificação, pautado por lutas e impactos culturais, especialmente pelo fato de que vivemos tempos tecnologicamente ativos e acelerados e com novas

configurações midiáticas que pertencem a uma nova forma de vida, encerramos nossas reflexões com um apontamento de Muniz Sodré (2006), que nos convida a refletir sobre como a mídia referencia o homem que, por sua vez, passa a usá-la para dar sustentação à cultura e, conseqüentemente, à capacidade de compreender as coisas por meio da razão e da emoção.

Nós, enquanto pesquisadores, nestes novos tempos que produzem sempre outros modos de vida, almejamos encontrar, em nosso caminho, especialmente com a possibilidade do uso de novos artefatos midiáticos e tecnológicos, indícios cada vez mais fortes de afetividade, sociabilidade e de reconhecimento para as relações que surgem com o autismo.

Referências

AUTISMO & REALIDADE. **Facebook/AutismoERealidade**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/autismoerealidade/>>. Acessos no período de jan a jul. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Le capital social**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 31, janvier 1980. Le capital social. pp. 2-3. Disponível em https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069. Acesso em junho 2019.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo**. Brasília, DF, 2014.

D'ANTINO, Maria Eloísa Famá; VINIC, Alessandra Aronovich. **Representação cinematográfica dos Transtornos do Espectro do Autismo**. In: SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves. Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. São Paulo: Memmon, 2011.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. **O capital social e a análise institucional e de políticas públicas**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 375 a 398, jan. 2002. ISSN 1982-3134. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6444>>. Acesso em: 02 Jul. 2019.

FRASER, Nancy. HONNETH, Axel. **Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange**. New York: Verso Books, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert, 1963. Data da Digitalização: 2004.

GRANOVETTER, M. **Getting a job: a study of contacts and careers**. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties: a network theory revisited**. Sociological Theory, 1, 201-233, 1983.

HEGEL, G. W. F. **System der Sittlichkeit, Nachdruck der Lason-Ausgabe**. Hamburgo. 1967.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. 2004.

HINE, C. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday Bloomsbury**, London, 2015.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais** (Trad. Luiz Repa). São Paulo: 1ª Ed. 2003; 2ª Ed. 2009.

HONNETH, Axel. **Teoria Crítica**. In: GIDDENS, Antony; TURNER, Jonathan. (org.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Unesp, 1999.

JUNIOR, Paiva; RIBEIRO, Sabrina. Revista Autismo. **Uma em cada 110 crianças tem autismo**. Paiva Junior e Sabrina Ribeiro. Publicado em 16/09/2010. Disponível em <http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/>

numero-impresionante-uma-em-cada-110-criancas-tem-autismo. Extraído em 25/02/2017.

KAUFMAN, Dora. **A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço**. Galáxia (São Paulo, Online), n.23, p.207-218, jun. 2012.

LAGARTA VIRA PUPA. **Facebook/LagartaViraPupa**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lagartavirapupa/>> Acessos no período de jan a jul. 2017.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil**. In: OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187.

MION, Marcos. **Facebook/MarcosMionOficial**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarcosMionOficial/?fref=ts>> Acessos no período de jan a jul. 2017.

MÜHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdecir Antonio (orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UFP, 2004.

NOBRE, Marcos. Apresentação. **Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica**. In: HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2009.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**. A Experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, tradução de Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy, 1993.

RECUERO, Raquel. **Engajamento x Audiência no Facebook: uma breve discussão**. 2013. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/03/engajamento-x-audiencia-no-facebook.html>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Bruno. **Capital social e confiança: questões de teoria e método**. Revista de Sociologia Política, n.21, p.35-49, 2003.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

TAYLOR, Charles. et al. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Piaget, 1998.

UPPA AUTISMO. **Facebook/UppaAutismo**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uppaautismo/?fref=ts>> Acessos no período de jan a jul. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 18.